

Dos diagramas à pesquisa em ação...

Jairo Ferreira

Potiguara Mendes da Silveira Jr.

A partir deste número, os artigos serão distribuídos em seções, que terão títulos fixos, porém de uso flexível conforme a edição e os textos selecionados.

A primeira seção é sobre o **método**. Seria o terceiro eixo (objetos e sujeitos; campos e disciplinas; métodos e metodologias)? Invertemos. Como numa roleta, a matriz triádica é movimentada para indicar que o entre-esses-espacos aciona o pesquisador em busca do desentranhar sentidos.

Começamos com o artigo de **Irene Machado**. Uma reflexão sobre o método que articula duas formulações concorrentes (Peirce e Lotman), percorrendo o caminho sugerido pelo lugar que os diagramas, os grafos e as modelizações podem ocupar na construção do conhecimento. A construção transita da lógica como semiótica, em Peirce, para a semiótica da cultura, deparando-se com as intrincadas relações entre signo, linguagens, códigos, ícones, imagens, relações, textos e cultura. As reflexões da autora recuperam, em novo nível de complexidade, uma linhagem reflexiva em que é importante a contribuição de Décio Pignatari (Semiótica e Literatura), com a presença de pesquisadores atuais no campo da comunicação (Francisco Pimenta e Jairo Ferreira) e no campo das ciências da natureza e tecnológicas (ao discutir o lugar do modelo, dos esquemas e dos diagramas na pesquisa). Ao valorizar a discussão do método, Irene Machado se coloca entre os que superam as pressões (inclusive incorporadas ideologicamente por muitos pesquisadores em comunicação) das ciências sociais clássicas, que nos demandam metodologias paradigmáticas para sermos candidatos à autonomia epistemológica e à identidade disciplinar.

Também na reflexão sobre o método, o texto de **Franisco Leite** “apresenta e discute o conceito, as especificidades e o raciocínio (dedutivo, indutivo e abduutivo) da Grounded Theory Construtivista”. O que liga este artigo ao anterior, além de estar na seção sobre métodos e metodologias, é sua busca de como formular as relações entre abdução, indução e dedução. Numa linhagem já enfrentada (de forma diversa) por Peirce, a proposta estabelece a abdução como derivada da indução e visa à “construção de teorias úteis de médio alcance”. O trabalho investigativo sobre o que se observa no “mundo real” valoriza o que os agentes sociais dizem sobre seus mundos e tem uma força de especificação de processos muitas vezes negligenciados

pelas teorias gerais e abstratas. Esse projeto metodológico de pesquisa, sendo menos pretensioso, evoca questões de identidade de um campo cujas teorias são tomadas dos adjacentes (teorias sociais, da linguagem, filosóficas, entre outras). A proposta metodológica da Grounded Theory Construtivista não desconsidera esses empréstimos, mas, ao tomá-los a jusante, subtrai os débitos de uma aplicação dedutiva linear sugerida pelas teorias adjacentes. Isto, na medida em que elas ingressam na pesquisa a partir da indução e abdução.

A segunda seção é sobre os **objetos**. Os quatro artigos desta seção indicam que falar dos objetos pode ser, na área, trazê-los para abordagens teórico-metodológicas que fundamentam uma apropriação de empíricos já visitados por campos acadêmicos outros – o que fortaleceria o que é comunicacional.

Daniel Cristino faz isso ao tratar da conversação. Recorrendo a fragmentos de textos da “tratadística francesa e italiana dos séculos XVI e XVII”, propõe que a problemática comunicacional não é moderna. É anterior ao iluminismo, mesmo que não tenha sido analisada conforme os cânones do campo acadêmico. Valoriza esse objeto – a conversação como processo de sociabilidade – em detrimento do outro, situado como de “segunda ordem”, “a comunicação de massa”. No âmbito dessa tensão, sua formulação é de desentranhamento deste objeto social, diferenciado do que é feito pelas mãos da análise da conversação, que seria uma âncora que atrela a área às ciências sociais aplicadas. Cristino sugere trazê-lo, pelas mãos da filosofia, para a comunicação.

O artigo *Videogames como dispositivos: Uma abordagem metodológica*, de **Diego Amaral** e **Rogério Covaleski**, é também parte desse esforço de apropriação epistemológica, numa tensão com outras abordagens dos games (como lúdico ou como regras). A linha de corte é a técnica (Heidegger) articulada ao conceito de dispositivos (Foucault, Deleuze, Agamben e Braga). Por esse caminho, sugere o dispositivo como espaço onde o lúdico, as normas, as regras são acionados na constituição de processos disciplinadores e constituição de subjetividades. A preocupação central é “oferecer uma alternativa flexível e multidisciplinar, com o objetivo de favorecer aproximações da Comunicação com o tema, a partir de um conceito que é familiar a esta última”. Ou seja, a perspectiva epistemo-

lógica se justifica por sua familiaridade ou, se quisermos, pelos usos que se fazem de autores e conceitos da área.

Francisco Pimenta faz algo diverso ao indicar a perspectiva de Peirce como expansão do campo da comunicação para além do que é social, para o que é natureza, “entre elas as ciências da vida”. Desenvolve seu argumento em três momentos. Primeiro, com a proposição de que a lógica é “mais ampla” do que a cognição humana. Ou seja, que há uma lógica no universo que transcende a lógica social. Segundo, que a semiose é mais ampla do que o pensamento humano. Terceiro, a partir das duas premissas, uma vez estabelecida a identidade entre semiótica e comunicação, esta pode se ampliar aos objetos da semiose da natureza e da vida. A formulação é interessante, considerando-se que outros autores (alguns citados, como Maturana e Varela, e outros não, como Piaget) já destacaram essa continuidade entre processos cognitivos sociais e processos de inteligência das espécies, não só animais.

Monalisa Xavier faz isso por uma dupla inversão. De um lado, é o objeto da psicanálise que migra, para a consulta on-line. De outro, é a pesquisadora que sugere a análise desta migração das práticas sociais através de uma abordagem epistemológica em interface com o campo psi. Ao evidenciar que o campo psi é invadido por práticas que são exógenas, pois que configuradas por dispositivos interacionais mediatizados, a pesquisadora infere sobre as transformações do sujeito na consulta, mas também a própria consulta. Suas conclusões são instigantes:

Como é que se dá a Psicanálise via computador? E a Psicoterapia por e-mail? Não vemos essas interrogações como simplesmente uma questão de transformação. Elas incidem sobre os pressupostos mesmos da Psicanálise e da Psicoterapia. Isso talvez aponte para a gestação de outra episteme que precisa ser inventada para dar conta desses processos inovadores (Xavier, 2015).

A terceira seção, inspirada em Bruno Latour, é sobre **pesquisa em ação**. Ela valoriza artigos reflexivos sobre constituição de objetos de pesquisa, nas interações em laboratórios, em eventos, em grupos, em centros de pesquisa, PPGs ou nas redes. Como os objetos vão sendo su-

geridos, abertos, assumidos, transformados, nessas circulações diversas.

O artigo de **Fabício Silveira** e **Michael Goddard** captura várias formas de problematizar e abordar a série *Twin Peaks*. Ao retratar as várias inteligibilidades sobre a série, conclui que,

*De nossa parte, não há tese de fundo. Não há conclusões a serem defendidas. Há tão somente o reconhecimento de que, com base no que vimos, é um grande equívoco dizer que *Twin Peaks* “não é compreensível”. É bem mais do que isto. A série concebida por David Lynch sequer é “interpretável”. Não se trata, nem mesmo, de um produto audiovisual, apenas, entendido de modo tradicional e restritivo. Na verdade, estamos diante de um canal. É um circuito comunicacional funcionando à perfeição. Melhor: é um sistema de “curtos-circuitos” comunicacionais. É um espaço de descontinuidades semióticas permanentes, que vão se sobrepondo, sem se anularem por completo. Nada termina. Nunca. São mapas imperfeitos, espaços irreconhecíveis, tramas sem final, personagens que se desfiguram, quadros imprecisos, em constante e acidentada renovação. Há sempre um ruído, uma falta essencial. Não é o Eterno Retorno (Silveira e Goddard, 2016).*

Para finalizar este número, temos um artigo que também trata da circulação de pesquisadores entre outros pesquisadores, mas pela via dos textos e demais produções específicas, direcionados ao GT de Epistemologia da Compós. É o artigo de **Maria Ataíde Malcher**, **Suzana Cunha Lopes** e **Fernanda Chocron Miranda**. Sua reflexão considera o uso de artigos de epistemologia em dissertações e na sala de aula. Quanto a dois espaços (produção bibliográfica vinculada à formação e formação pedagógica), observam que as produções do GT se constituem em referências que, talvez, indiquem uma formação de circulação específica que valoriza o esforço coletivo pela construção da identidade da área para além da circulação dos conhecimentos de outras teorias da linguagem, sociais e filosóficas que nos visitam com insistência. Aqui, os usos são de peças e utensílios realizados nas interações entre gente da casa.